



Qual é o seu campo de jornalismo?

Escrito por Ana Estela de Sousa Pinto

Dicas para cobrir agricultura

Ressuscitamos aqueles posts sobre jornalismo especializado, e uma nossa leitora mandou a pergunta:

E como se preparar para cobrir o campo? O que chamamos de "jornalismo rural"? É o meu caso. Sou repórter de um programa de TV especializado em campo e ainda encontro dificuldades em pautas, conseguir fontes sozinha. Sempre recorro aos órgãos relacionados agricultura. Um abraço!

Como eu nunca fiz essa cobertura --apesar de ser formada em agronomia--, fui pedir ajuda a quem conhece o assunto: minha ex-trainee Daniele Siqueira.

Vejam abaixo as dicas que ela deu:

Jornalismo rural? Agrícola? Agropecuário? De agronegócio? A dificuldade para dar nome a essa área de cobertura já sugere que ela é mais complexa do que parece, até porque não existe uma fórmula pronta para quem quer escrever sobre o "campo".

Há grandes diferenças, aliás, na forma como a agricultura e seus desdobramentos são abordados por jornais, revistas, TVs e sites. Há variações bem marcadas, inclusive, entre jornais que, no geral, são parecidos em todos os outros aspectos.

Um bom exercício para o jornalista que pretende seguir esse caminho é comparar os cadernos/suplementos/páginas agrícolas de diferentes jornais, além de dar uma boa olhada em sites especializados, revistas e programas de TV. Daí vem à primeira dica:

1. Compare os diferentes tipos de cobertura para saber qual se encaixa melhor no seu perfil e no perfil do seu leitor

Alguns jornais fazem um tipo de cobertura que eu chamo de "jornalismo de horta" (e isso não é uma crítica, mas apenas uma descrição).

Eles escrevem sobre doenças que atingem determinadas árvores frutíferas, adubação caseira, poda de tomateiros, receitas, coisas assim. Aí, num cantinho de página aqui e noutro ali, aborda-se algum assunto mais "comercial", como preços da soja, exportações de carne de frango etc.

Algumas revistas e programas de TV seguem linha parecida. É ruim? Não, de forma alguma. Há público para isso. Mas não é o forte para um jornalista que quer seguir carreira nessa área, e você vai perceber isso ao ver como a cobertura de outros jornais é bem diferente desse modelo.

Nos últimos anos, com a consolidação do Brasil como potência agrícola e sua maior inserção na dinâmica econômica mundial, houve crescimento na demanda por um tipo de jornalismo que aborda a agricultura como um segmento dinâmico e fundamental da economia, com reflexos que vão muito além das práticas agrícolas. Daí surge a segunda dica:

2. Aprofunde-se em economia

Os preços dos produtos agrícolas que têm participação expressiva no PIB brasileiro – soja, açúcar, café, algodão, cacau, suco de laranja, milho etc. – são formados longe daqui, em bolsas de commodities, geralmente americanas, como a Bolsa de Chicago (CME) e a Bolsa de Nova York (ICE-NY).

A formação dos preços desses produtos, tradicionalmente, é influenciada por questões de oferta e demanda nos países produtores e consumidores (tamanho da área plantada, condições climáticas, doenças e pragas, desempenho da produtividade, ritmo das exportações etc.). Nos últimos anos, porém,

esses produtos passaram a atrair muitos investidores de grande porte, que usam os mercados agrícolas como mais um meio para tentar multiplicar o dinheiro que possuem ou administram.

Como esses investidores atuam também em outros mercados, como ações, moedas, títulos, energia, metais etc., a dinâmica desses mercados tornou-se parte da dinâmica das commodities agrícolas.

Muitas vezes, é possível confundir, por exemplo, um gráfico de preços de soja e de cotações do índice S&P500, tamanha é a semelhança entre os movimentos de uma e do outro.

E o que a soja e um índice de ações têm em comum? O cenário macroeconômico. Normalmente, em momentos de turbulência, como aconteceu em 2011, com a crise na Europa, os investidores ficam com medo de arriscar. Assim, eles se desfazem de ações de empresas e de papéis comprados em commodities (sejam agrícolas, metálicas ou de energia) e migram para investimentos teoricamente mais seguros, como dólar e ouro.

Daí vem, por exemplo, a relação inversamente proporcional que existe, quase sempre, entre as cotações de soja (ou milho, ou trigo, ou cobre, ou petróleo) e as cotações de outro índice, o dollar index. E essa relação tem impacto direto sobre os preços que um produtor de soja de Iowa, nos EUA, ou de Mato Grosso, no Brasil, ou de Córdoba, na Argentina, ou de Canindeyú, no Paraguai, recebe pelo grão.

Complicado? É, sim.

Por isso, entender um pouco de economia e finanças é fundamental para o jornalista que cobre a agricultura “da porteira para fora”, ou seja, a parte comercial da agricultura, e não apenas aquela ligada à produção propriamente dita.

Ler publicações especializadas, cursar disciplinas (mesmo que seja como ouvinte) em faculdades de economia ou fazer uma especialização lato sensu na área ajudam bastante.

E tem mais um detalhe, não muito apreciado pela maioria dos jornalistas: matemática. Não é preciso ser um ás em equações derivadas, mas gostar de números, ter raciocínio lógico e saber usar planilhas de Excel são características mais do que bem-vindas.

Elas ajudam, inclusive, a encontrar boas pautas na numeralhada das estatísticas oficiais, deixando as matérias mais interessantes.

3. E não deixe de lado a agronomia, a meteorologia, a geografia...

Entender de economia é fundamental, mas também é preciso ter uma boa dose de conhecimentos em outras áreas.

Por que a soja plantada no oeste do Paraná suporta a falta de chuva em novembro, mas tem grande redução de produtividade se o tempo ficar seco em dezembro? Por que os produtores de milho do Sul do Brasil gostam de anos de El Niño, mas têm medo da La Niña? Por que o café tem uma grande safra em um ano e, obrigatoriamente, tem a produção reduzida no ano seguinte? Por que o etanol feito com cana-de-açúcar é mais viável que aquele produzido a partir do milho? Por que São Paulo é o Estado que mais produz amendoim no Brasil? Por que a soja produzida em Mato Grosso tem preços tão mais baixos que aquela colhida no Paraná? Por que a soja é plantada em áreas onde, no ano anterior, plantou-se milho ou trigo? Por que o Paraná, que era o maior produtor brasileiro de algodão até a década de 1980, não planta mais esse produto? Por que no Centro-Oeste se usa mais fungicidas para a soja que no Sul?

Sentiu o drama? Pois é, e essas são apenas as perguntas mais simples.

Estude, estude e estude. Se a essa altura cursar agronomia parece ser exagerado e inviável (e normalmente é – são cinco anos de curso em período integral), procure especializações na área, de preferência aquelas mais voltadas ao “agronegócio”, que abordam também as questões de mercado.

Para escolher o curso, faça uma pesquisa nas universidades com maior tradição no ensino de agricultura, como a Esalq-USP e a UFPR, entre várias outras.

Há, inclusive, cursos à distância e de curta duração.

Vale também dar uma boa olhada em sites de universidades dos EUA, que têm ampla tradição no ensino de agricultura para jornalistas. Além de cursos mais curtos, existem até cursos de graduação para formar especificamente jornalistas que cobrem o campo, e isso desde o século 19... Talvez não seja o caso ir até lá para fazer um curso, mas é possível achar material de leitura na Internet.

Procure pelas universidades dos Estados do Meio-Oeste, onde se concentra a produção agrícola americana. Iowa, Illinois, Missouri e Nebraska são alguns que têm cursos tradicionais na área. Também há opções no Texas.

4. Não dá para ser especialista em café, soja, açúcar, agroenergia e batata ao mesmo tempo

Voltar à escola e estudar formalmente ajuda muito, mas não se iluda. Os cursos nos dão apenas a base, porque o verdadeiro aprendizado vem na labuta diária.

No começo, por mais que você se prepare, vai acabar soltando algumas perguntas cretinas para as suas fontes, o que é normal em qualquer área quando estamos começando (e mesmo depois).

Não se aflija. No geral, elas vão compreender. Mas não deixe, claro, que isso se torne rotina.

Faça a sua fonte sentir, com o tempo, que você está aprendendo.

Enão tenha vergonha de dizer que é novo nesse tipo de cobertura e que tem dificuldade em entender algumas coisas.

E não se iluda, parte 2: não pense que é possível ser especialista em tudo. Uma visão geral do “agronegócio” ajuda a escrever sobre seus diferentes produtos, mercados e desdobramentos, mas é impossível ser especialista em todos eles. Normalmente, o jornalista acaba se especializando em determinado segmento: grãos (soja, milho e trigo), “softs” (café, açúcar e algodão) e por aí vai.